
EDITORIAL

Nos últimos 30 anos, muito da pesquisa em Nutrição no Brasil dirigiu-se, a identificar, diagnosticar e combater deficiências nutricionais. Várias medidas e ações contribuíram para a redução de sua prevalência nos países, medidas que vão desde a orientação nutricional, em vários níveis, à suplementação medicamentosa e a fortificação de alimentos.

Uma das questões subjacentes a essa é o fato de não termos as recomendações nutricionais dirigidas à população brasileira, de utilizarmos, por exemplo, as referências de ingestão dietéticas desenvolvidas a partir de dados da população americana ou canadense. Mas de qualquer maneira, o novo enfoque que é proposto, em se tratando das recomendações nutricionais é que se tenham dados populacionais de ingestão de nutrientes, parâmetros bioquímicos definidos como marcadores de ingestão e de avaliação nutricional, tabelas de composição de alimentos com dados obtidos com critérios validados. Em termos de pesquisa, podemos dizer que estamos seguindo nessa direção.

Mais recentemente, a nutrigenômica abriu um novo caminho para a interpretação desses dados populacionais, a explicação da variação interindividual de necessidades nutricionais e das respostas biológicas à ingestão de nutrientes. Ou seja, o conhecimento de que a etiologia de doenças que afetam os seres humanos envolve fatores genéticos e ambientais, e que nessa perspectiva, a dieta é um dos determinantes mais importantes da saúde. E, ainda, que tanto a falta como o excesso de um nutriente pode levar à doença.

A nutrigenômica, envolvendo ampla gama de técnicas de pesquisa desde a biologia molecular até ensaios clínicos e epidemiológicos, e que pode também responder às inconsistências nos resultados de alguns estudos, é o caminho, nada simples, para a pesquisa em Nutrição.

Célia Colli
Editora Científica